

# Em Belo Horizonte

Rubem Braga

1232  
VISITO Belo Horizonte no momento em que a cidade transpõe a marca do milhão de habitantes. Faz-se faceira com o veloz asfaltamento de muitos quilômetros de ruas e avenidas, mas ainda não me acostumei com o corte das árvores da avenida Afonso Pena. Vejo que o edifício da Feira de Amostras está sendo derrubado, e me dizem que em seu lugar será construída uma estação rodoviária. Não sou engenheiro nem estudei o caso, mas me pergunto se não seria melhor aproveitar essa demolição para empreender outras e acabar com esse crônico atravancamento da Lagoinha, que sempre foi uma espécie de gargalo feio na plácida e generosa largura dos logradouros da capital.

A cidade está mudada, está ficando, num certo sentido, mais mineira e menos capital, mais humana e menos burocrática. Há um gosto novo, por exemplo, em matéria de árvores e plantas nas casas particulares; há onde comer boa comida mineira, ausência que o turista de passagem estranhava demais antigamente. O «Porão», ali na avenida João Pinheiro, perto da praça da Liberdade, é um símbolo dessa renovação que se inspira nas melhores coisas do passado; fui lá assistir ao lançamento de «Feijão, angu e couve», de Eduardo Frieiro, um «ensaio sobre a comida dos mineiros»; um livro sério, de pesquisa, que consegue ser tão saboroso como um bom almoço de fazenda. O órgão oficial, o «Minas Gerais», lançou um suplemento literário para sair aos sábados, e o atual diretor da Imprensa Oficial, o jornalista Antônio Tibúrcio Henriques, deu a conveniente solenidade a esse lançamento. Alguém pode comentar que o governo de Minas tem coisas muito mais urgentes a atender, não devia gastar dinheiro com literatura. Eu, por mim, acho que o dinheiro que se vai gastar é pouco, e será bem empregado. A própria pobreza do povo mineiro justifica essa assistência do Estado às coisas do espírito, possibilitando o acesso de muitos milhares de famílias de todos os cantos do território a um melhor grau de cultura, e a revelação dos valores novos. Acho mesmo que um Estado como Minas Gerais deveria ter o seu próprio Instituto do Livro, para suprir as falhas do Nacional e distribuir a tódas as sedes municipais uma pequena biblioteca básica — pelo menos dicionários, enciclopédias, atlas, livros de ensino, manuais e antologias.

Salve, pois, o suplemento que Murilo Rubião está dirigindo com sapiência e carinho. Quanto aos graves problemas de Minas, que os mineiros cuidem deles. Limite-me, egoisticamente, a gozar o encontro de velhos amigos e a respirar com delícia esse ar leve, macio, fino, que para mim é uma das inestimáveis riquezas de Minas.

7/9/66